

AS DRAMATIZAÇÕES NO CONTEXTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA**DRAMATIZATIONS IN THE CONTEXT OF ADVENTIST EDUCATIONAL PHILOSOPHY** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-012>**Vanderlei Ricken**

Doutorando em teologia (Faculdades EST), São Leopoldo. Mestre em teologia (Faculdades EST). Licenciado em Ciência da religião, UNINTER. Graduado em biblioteconomia (UFSC). Especialista em gestão de bibliotecas escolares (UFSC).
E-mail: rickennet@gmail.com

João Henrique Garcia Ricken

Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Campus Engenheiro Coelho (UNASP). Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Adventista do Paraná. Pastor escolar no Colégio Adventista de Viamão, RS.
E-mail: joao.ricken@gmail.com

Marcelo Ramos Saldanha

Doutor em Filosofia (Universidade da Beira Interior, Portugal), mestre em Teologia (Faculdades EST), professor e pesquisador nas Faculdades EST.
E-mail: marcelo.saldanha@est.edu.br

RESUMO

Este artigo analisa o uso das dramatizações no ambiente da Educação Adventista, especialmente frente às orientações dos escritos de Ellen G. White e à filosofia educacional adventista. Embora os textos de Ellen G. White apresentem críticas ao teatro e às representações de caráter mundano ou superficial, as escolas e colégios adventistas frequentemente utilizam dramatizações em programações pedagógicas e religiosas. A pesquisa é de natureza bibliográfica e documental, buscando identificar os princípios que orientam a prática dramatúrgica dentro do contexto educativo adventista, além de discutir os desafios hermenêuticos presentes na interpretação dos escritos de Ellen G. White. O estudo conclui que, apesar das advertências, existe um espaço legítimo para dramatizações que respeitem os princípios da filosofia adventista, servindo como recurso pedagógico eficaz quando alinhadas à missão educativa e espiritual da instituição.

Palavras-chave: Educação Adventista; Filosofia Educacional; Dramatizações; Ellen G. White; Teatro.

ABSTRACT

This article analyzes the use of dramatizations in the Adventist educational environment, especially in light of the guidelines found in the writings of Ellen G. White and Adventist educational philosophy. Although Ellen G. White's texts criticize theater and performances of a worldly or superficial nature, Adventist schools and colleges frequently use dramatizations in their educational and religious programs. The research is bibliographic and documentary in nature, seeking to identify the principles that guide the practice of drama within the Adventist educational context, as well as discussing the hermeneutical challenges present in the interpretation of Ellen G. White's writings. The study concludes that, despite the warnings, there is a legitimate space for dramatizations that respect the principles of Adventist philosophy, serving as an effective educational resource when aligned with the educational and spiritual mission of the institution.

Keywords: Adventist Education; Educational Philosophy; Role-playing; Ellen G. White; Theater.



1 INTRODUÇÃO

A dramatização é um recurso frequentemente utilizado em instituições de ensino para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, despertar o interesse dos alunos e facilitar a compreensão de conceitos e valores. No âmbito da Educação Adventista, não é diferente. As dramatizações aparecem em eventos pedagógicos, cultos, celebrações e apresentações escolares, especialmente nos internatos e grandes colégios.

Entretanto, essa prática nem sempre é isenta de críticas dentro do meio adventista. Os escritos de Ellen G. White, uma das principais referências espirituais e educacionais da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), apresentam advertências quanto ao uso de elementos teatrais, especialmente aqueles associados ao entretenimento secular e às práticas mundanas que podem desviar o foco espiritual dos cristãos.

Diante dessa tensão entre as advertências proféticas e a prática pedagógica corrente, o presente artigo objetiva analisar o uso das dramatizações no contexto da filosofia da Educação Adventista. Para isso, foi realizado uma pesquisa bibliográfica e documental, examinando os escritos de Ellen G. White, documentos institucionais e artigos acadêmicos. Pretende-se, assim, compreender os princípios que orientam ou restringem o uso das dramatizações na Rede Adventista de Educação, buscando oferecer parâmetros equilibrados para sua utilização coerente com os valores e a missão educacional da Igreja.

2 EDUCAÇÃO ADVENTISTA

A Rede Adventista de Educação está presente no mundo com 9.489 unidades escolares, tendo 2.044.709 alunos distribuídos nessas unidades educacionais. Na América Latina, a Educação Adventista conta com 939 colégios e escolas, 15 campi universitários, 319.288 alunos e 20.798 professores.¹

“A Rede Educacional Adventista, de caráter confessional, está vinculada diretamente à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que é a mantenedora de todo sistema educacional adventista...”² Isso significa dizer que a IASD dita as diretrizes a serem seguidas pela Educação Adventista (EA). A missão da IASD se mistura e se complementa com a missão da EA.

O objetivo de uma denominação religiosa manter um sistema integrado de educação está no fato de acreditar que a educação é a própria igreja, pois tanto a igreja como a escola visam o mesmo fim – salvação do ser humano, transformando-o a semelhança e imagem de seu Criador.³

¹ Cf. ADVENTISTAS NO MUNDO. Adventistas. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/adventistas-no-mundo/>>, Acesso em: 13 jul. 2022.

² MENSLIN, Douglas. Educação adventista 120 anos: de escolas paroquiais a uma rede de ensino permanências e rupturas de um ideário educacional. Curitiba: DVK, 2015. p. 9.

³ MENSLIN, 2015, p.10.



Essa mistura apresenta perigo e vantagem. Sendo o perigo uma separação artificial.⁴ A IASD não parece demonstrar uma preocupação em fazer essa separação artificial, ela assume que “a educação é a própria igreja”.⁵ É uma visão que retrata cada unidade escolar como uma igreja em que os diretores e professores adventistas tem a oportunidade de influenciar os alunos para uma vida transformada por Deus, muito além de apenas um ensino secular. Ellen G. White se expressa em relação a verdadeira educação de uma forma que retrata a identidade da EA.

A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.⁶

“No pensamento de Ellen White, os sermões, as escolas, a literatura e a vida saudável são diferentes maneiras de erguer diante do mundo nosso Senhor, Salvador, Redentor e Sumo Sacerdote.”⁷

Essa visão não restringe a liberdade de escolha de quem quer que seja, mas é intencional em oportunizar um encontro com o sagrado.

Fazer com que o homem volte à harmonia com Deus, de maneira a elevar e enobrecer sua natureza moral a fim de que ele de novo possa refletir a imagem do Criador, é o grande propósito de toda a educação e disciplina da vida.⁸

Essa forma peculiar de se ver a educação como a mesma obra da redenção⁹ foi apresentada com detalhes para um convidado com o objetivo de garantir o êxito do empreendimento educacional adventista e que passaria a ser o primeiro diretor do colégio em Battle Creek, Professor Sidney Brownsberger, da Universidade de Michigan. Quando foi perguntado a ele sobre o que poderia ser feito a respeito dessa instrução de Ellen White, o professor respondeu: “Eu nada sei sobre a direção de uma escola dessas.”¹⁰ Apesar de ser diferente do que se tinha na época, ainda hoje pode causar um certo desconforto para alguns administradores, mas tem funcionado até os dias atuais conforme o revelam os dados relativos as quantidades de colégios adventistas no mundo.

⁴ GROSS, Renato; GROSS, Janine Schoemberg. Filosofia da educação cristã: uma abordagem adventista. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. p. 24.

⁵ MENSLIN, 2015, p.9.

⁶ WHITE, Ellen Gould Harmon. Educação. 9. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008a. p.13.

⁷ TIMM, Alberto R.; ESMOND, Dwain N.(Org.). Quando Deus fala: o dom de profecia na Bíblia e na história. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017. p. 396.

⁸ WHITE, Ellen Gould Harmon. Conselhos aos professores, pais e estudantes. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000. p.49.

⁹ WHITE, 2008a, p.30.

¹⁰ MAXWELL, C.Mervyn. História do adventismo. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982. p. 229-230.



2.1 ORIGEM E HISTÓRIA

Uma igreja focada no breve retorno de Jesus pouco se preocupou em estabelecer uma educação formal no início do movimento adventista.^{11 12} As primeiras ações foram desenvolvidas depois de 30 do início do movimento¹³ entre 1863 e 1888.¹⁴

Na década de 1850 alguns adventistas já se preocupavam com a questão da escolarização e algumas tentativas de escolas cristãs independentes foram criadas.¹⁵ Em Buck's Bridge, 1853 e em Battle Creek, 1856, porém ambas fracassaram após três anos de funcionamento.¹⁶

Em 1862 um membro da igreja perguntou para Tiago White se seria coerente os adventistas mandarem seus filhos para as escolas sendo que Jesus em breve voltaria e nas escolas ainda aprenderiam mais mal do que bem. Tiago respondeu afirmando que o fato de Jesus estar voltando não era motivo para deixar a mente sem ser aprimorada e que um mente mais desenvolvida poderia apreciar melhor verdades sublimes. A resposta indicou “uma parte do fundamento lógico que se tornou mais tarde o alicerce sobre o qual se desenvolveu o sistema educacional adventista.”¹⁷

Ellen G. White apesar de não ter tido muita educação formal,¹⁸ tinha um pensamento muito forte e firme sobre a importância do estudo, inclusive fazendo uma conexão com a espiritualidade.

A ignorância não aumenta a humildade ou a espiritualidade de algum professo seguidor de Cristo. As verdades da Palavra divina podem ser melhor apreciadas pelo cristão intelectual. Cristo pode ser melhor glorificado por aqueles que O servem inteligentemente. O grande objetivo da educação é habilitar-nos a usar as faculdades que Deus nos deu, de tal maneira que exponha melhor a religião da Bíblia e promova a glória de Deus.¹⁹

Com Goodloe Harper Bell, professor experiente, a partir de 1867, a escola de Battle Creek funcionou de forma esporádica até 1870 ou 1871.²⁰

Na IASD, “A missão evangélica deu sentido ao estabelecimento de um sistema educacional que, apesar do início vacilante, consolidou-se ao longo do tempo como um sistema mundial.”²¹

¹¹ SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, E. Floyd. Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009. p. 116.

¹² KNIGHT, George R. Uma igreja mundial: breve história dos adventistas do sétimo dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000. p. 75.

¹³ MENSLIN, 2015, p.20.

¹⁴ KNIGHT, 2000, p.75.

¹⁵ KNIGHT, 2000, p.75.

¹⁶ KNIGHT, 2000, p.75-76.

¹⁷ KNIGHT, 2000, p.75.

¹⁸ DICK, Everett. Fundadores da mensagem. 4. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995. p. 144.

¹⁹ WHITE, Ellen Gould Harmon. E recebereis poder: a pessoa, presença e obra do Espírito Santo. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999. p.146.

²⁰ KNIGHT, 2000, p.76.

²¹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2009, p.26.



3 FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

A Educação Adventista surge especialmente para os filhos dos adventistas²² e para que eles cumpram a missão de Deus dado a IASD.²³ A filosofia da educação adventista tem este propósito básico de proteger²⁴ do mundo e preparar para enfrentar os desafios do mundo e cumprir a missão de salvar.

Quando se fala em filosofia da educação adventista, o olhar se volta para o amor ao conhecimento que estabeleça princípios, normas, valores que possam auxiliar a se ter uma vida equilibrada na terra e a vida eterna no porvir.²⁵

Essa filosofia da educação adventista é centrada em Deus que revelou a sua vontade nos escritos dos profetas. Sendo, portanto, a fonte dessa filosofia, a Bíblia como a base suprema e, na atualidade, os escritos de Ellen G. White.²⁶

Diretamente relacionado a filosofia da educação adventista está o objetivo principal da EA que é salvação. Assim como Jesus veio buscar e salvar o perdido²⁷, a EA também tem o foco na salvação de todos os envolvidos, desde administradores, professores, servidores e alunos.²⁸ Nas palavras de Ellen G. White, educação e redenção são uma coisa só.²⁹ E essa visão faz parte da essência da filosofia da educação adventista.

Propósitos secundários da EA, são: “desenvolvimento do caráter, a aquisição de conhecimentos, a preparação para o trabalho e o desenvolvimento social, emocional e físico dos estudantes.”³⁰

Mas a base da filosofia da Educação Adventista (EA) está em quatro pontos fundamentais sobre o ser humano, apresentados por EGW: “(1) sua natureza original, (2) o propósito de Deus ao criá-lo, (3) a mudança ocorrida na condição humana por ocasião da queda e (4) o plano de Deus para alcançar seu propósito na educação da raça humana.”^{31 32}

No item (1) é retratada a criação especial e literal do homem por Deus. Criado a imagem e semelhança de Deus.³³ A visão criacionista está toda nessa ênfase. Visões contrárias como o evolucionismo é apresentado na EA, a título de conhecimento, não como uma verdade absoluta. A visão criacionista é

²² IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. 2009. p.16.

²³ GROSS; GROSS, 2013. p.6.

²⁴ KNIGHT, George R. Mitos na educação adventista: um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen G. White. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2010. p.52.

²⁵ RITTER, Orlando Mário. Filosofia da educação adventista: uma proposta de redenção. IN: SUÁREZ, Adolfo S. (Org.). Manual do educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2015. p. 93-94.

²⁶ RITTER, 2015, p. 95.

²⁷ Lucas 19.10.

²⁸ KNIGHT, George R. Educando para a eternidade: uma filosofia adventista de educação. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017. p. 83.

²⁹ WHITE, 2008a, p.30.

³⁰ KNIGHT, 2017, p. 86.

³¹ KNIGHT, 2010, p. 45.

³² WHITE, 2008b, p.14-15.

³³ Gênesis 1.26.



apresentada não como um dogma, mas com a lógica científica. Neste item também inclusa a natureza humana, onde a vida foi formada pela união do pó da terra com o fôlego de vida.³⁴ Nesse momento de união é que passa a ser uma alma vivente. O ser humano não tem uma alma, ele é uma alma enquanto houver essa união entre o pó da terra e o fôlego divino. Após essa união ser desfeita com a morte, o ser vivente deixa de existir, representado na Bíblia como estando dormindo, num sono profundo.³⁵ Essa cosmovisão na filosofia da EA determina uma restrição a qualquer material ou prática que ensine ou se baseie numa ideia de alma imortal, uma vida após a morte, reencarnação, comunicação com os mortos, adoração ou veneração de pessoas ou ídolos que já morreram, misticismo, esoterismo, culto aos ancestrais, etc.

No item (2), é retratada a importância do desenvolvimento contínuo em direção a Deus como base da filosofia. “Todas as suas faculdades eram passíveis de desenvolvimento”³⁶.

Nossas ideias acerca da educação têm sido demasiadamente acanhadas. Há a necessidade de um objetivo mais amplo e mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.³⁷

Esse item esclarece a importância do enfoque espiritual além do físico e do intelectual. A filosofia da EA determina que se tenha um desenvolvimento harmonioso entre o físico, o intelectual e o espiritual. O espiritual não é algo que se deva excluir da educação. É tão importante quanto o físico e o intelectual. Quando os alunos adentram na EA, sentem um choque de realidade e percebem o quão defasados estavam nesse quesito, pois tinham muito pouco enfoque no espiritual.

No item (3), destaca a mudança ocorrida na condição humana por ocasião da queda. Retrata a realidade da queda. Existe o pecado. Existe o mal e seus agentes. Existe um grande conflito entre o bem e o mal. Satanás não é um ser mitológico, mas um ser real. A filosofia da EA não retrata e nem permite que coisas ruins sejam retratadas como boas. Por exemplo, uma literatura que retrata uma bruxa como boazinha não é aceita nas escolas adventistas. A própria Bíblia apresenta a existência de bruxas³⁸, mas jamais a retrata como alguém alinhada ao Deus da Bíblia ou a Sua vontade ou ao Seu povo. Retratar o bem como mal ou o mal como bem está totalmente contrário a filosofia da EA.

No item (4), apresenta o plano de Deus para alcançar o seu propósito na educação da raça humana. Como consequência do pecado e da queda, o ser humano se tornou alienado e separado de Deus³⁹.

³⁴ Gênesis 2.7.

³⁵ Eclesiastes 9.5,6,10; 12.7;

³⁶ WHITE, 2008b, p.15.

³⁷ WHITE, 2008b, p.13.

³⁸ 1 Samuel 28.7.

³⁹ KNIGHT, 2010, p.46.



A mensagem da Bíblia desde a queda até a restauração do Éden em Apocalipse 21 é a história de como Deus, através de professores, profetas, patriarcas, pregadores, rituais simbólicos e vários outros meios, tem buscado resgatar o homem de sua perdição.⁴⁰

Por isso Ellen White apresenta a educação e a redenção como sendo a mesma coisa.⁴¹ Esse é o grande objetivo da Educação Adventista (EA). Ela existe para isso.

A educação cristã é a única que pode satisfazer as necessidades mais profundas do homem, pois somente os educadores cristãos entendem o cerne do problema humano. O objetivo redentor da educação cristã é o que a torna cristã. O objetivo primordial educação cristã na escola, no lar e na igreja é conduzir os jovens a um relacionamento salvífico com Jesus Cristo.⁴²

Esse papel de conduzir os jovens a um relacionamento salvífico com Cristo é a essência do Ide e pregai⁴³.

Para cumprir o seu papel evangelizador neste final da História, a escola adventista deve tornar-se cada vez mais adventista. Ou seja, ela não pode se deixar fascinar pelas teorias pedagógicas atuais, pois a história da educação evidencia que elas passam.⁴⁴

A filosofia da Educação Adventista é a mola que impulsiona a máquina da Educação Adventista. E Cristo é visto como o grande fundamento dessa obra. “Assim, é imperativo que todos os aspectos da educação adventista, ou seja, o caráter do professor, o currículo, os métodos de disciplina e todos os outros aspectos, reflitam Cristo.”⁴⁵

Toda a prática educativa na Educação Adventista precisa estar alinhada a esses princípios da filosofia da Educação Adventista. “Tudo, absolutamente TUDO, deve ser adotado e feito sob a luz que emana da Bíblia e da filosofia educacional adventista.”⁴⁶

4 DRAMATIZAÇÕES E ELLEN G. WHITE

Existe uma tensão entre o que Ellen White escreveu sobre as dramatizações e a prática adotada pela Igreja Adventista em relação a esse tema. Torna-se necessário apresentar os princípios básicos de interpretação dos escritos de Ellen White, seguidos pela Igreja Adventista, bem como conhecer os principais textos dela sobre as dramatizações, a fim de compreender a posição oficial da igreja sobre o assunto.

⁴⁰ KNIGHT, 2010, p.46.

⁴¹ WHITE, 2008b, p.30.

⁴² KNIGHT, 2010, p.46.

⁴³ S. Marcos 16.15.

⁴⁴ GROSS; GROSS, 2013, p.7.

⁴⁵ KNIGHT, 2017, p.88.

⁴⁶ GROSS; GROSS, 2013, p.8.



4.1 PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO DE SEUS ESCRITOS

Esse tópico não pretende esgotar a questão da interpretação dos escritos de Ellen White, mas apenas situar brevemente o leitor em algumas regras gerais de hermenêutica como são entendidas pela IASD para compreender adequadamente os textos e as ideias apresentadas Ellen White. A importância desse tópico é entender como os adventistas pensam e analisam os escritos de Ellen White, exemplificado no caso específico das dramatizações.

Nas palavras de Douglass estão demonstradas as facilidades que hoje se tem para melhor entender os escritos de Ellen White.

Estamos em melhores condições de entender o que Ellen White queria dizer do que de entender a muitos outros escritores, pois temos grande volume de material sob a forma de cartas, diários, entrevistas, sermões, manuscritos gerais, artigos periódicos e livros publicados.⁴⁷

Sem contar que existem muitos outros relatos dos seus contemporâneos, pessoas que a conheciam ou que receberam alguma carta ou conselho dela e puderam escrever sobre sua experiência.⁴⁸

Cada assunto estudado dentro dos escritos de Ellen White, devem levar em consideração a totalidade daquilo que ela escreveu sobre o assunto. É como a montagem de um quebra-cabeça. Os textos, tais como as peças, vão sendo encaixados.

Muitos outros textos e autores do passado, bem como os escritores bíblicos são bem mais difíceis de serem interpretados de modo mais completo justamente porque não se dispõe muitos outros materiais extras que possam ser examinados pelo intérprete.

Da mesma forma quando se estudar a Bíblia, numa exegese, é fundamental conhecer a língua original utilizada pela profeta. Ellen White escreveu em inglês norte-americano, no século dezenove. O que é importante observar? Idiomatismos e algumas peculiaridades da língua.⁴⁹ Se o texto foi escrito em forma de prosa, verso, profecia, história, alegoria, parábola, tudo é relevante saber e levar em consideração ao ler o texto de Ellen White.⁵⁰ Entender o contexto histórico é fundamental, em especial ao se estudar o assunto das dramatizações.⁵¹ Conhecer e entender a totalidade do pensamento de Ellen White sobre aquele assunto é essencial, assim como o caráter e a personalidade do escritor, além do grande conflito, a luta entre o bem e o mal, como o pano de fundo.⁵² Não aceitar ideias preconcebidas, tradições humanas. Renunciar opiniões anteriormente mantidas. É importante estar aberto a novas verdades que estejam em harmonia com as

⁴⁷ DOUGLASS, Herbert E. Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p.373.

⁴⁸ DOUGLASS, 2003, p. 373.

⁴⁹ DOUGLASS, 2003, p.372.

⁵⁰ DOUGLASS, 2003, p.372.

⁵¹ DOUGLASS, 2003, p.372.

⁵² DOUGLASS, 2003, p.373.

antigas.⁵³ Compreender corretamente a importância da inspiração do pensamento em vez da inspiração e a implicação desses conceitos nos textos de Ellen White.⁵⁴ Não esperar uma espécie de infalibilidade de Ellen White⁵⁵, mas acima de tudo na *sola scriptura*.⁵⁶ São pontos básicos para se compreender os escritos de Ellen White.

4.2 TEXTOS DE ELLEN WHITE QUE SÃO DESAFIADORES

Existe uma grande quantidade de textos de Ellen G. White sobre a questão que envolve as dramatizações e teatros na Igreja Adventista. Isso demonstra a importância desse assunto para ela, bem como para a IASD. A razão desses textos existirem é destacar a influência das dramatizações e o possível perigo dessa prática. Alguns desses textos serão vistos para que se possa compreender a questão e entender como ela pode se tornar complicada.

Assim como a Bíblia apresenta textos a favor do mel e depois textos contra o uso do mel, por exemplo, numa aparente contradição, mas que servem para mostrar um equilíbrio nessa questão do uso do mel, assim também Ellen G. White apresenta textos que, quando olhados de forma apressada e isolada possam também dar essa impressão de contradição, mas o foco é manter um equilíbrio naquele ponto.

Tenho uma mensagem para os que estão com a responsabilidade de nossa obra. Não animeis os homens que devem empenhar-se neste trabalho a pensarem que devam proclamar a solene e sagrada mensagem em estilo teatral. Nem um jota nem um til de qualquer coisa teatral deve aparecer em nossa obra. A causa de Deus deve ter molde sagrado e celestial. Fazei com que tudo esteja em conexão com a apresentação da mensagem para este tempo tenha o sinete divino. Não permitais que haja qualquer coisa de natureza teatral, pois isto prejudicaria a santidade da obra. Foi-me mostrado que nos defrontaremos com todas as espécies de experiências, e que os homens procurarão introduzir representações estranhas na obra de Deus. No início de meu trabalho, foi dada a mensagem de que todas as representações teatrais, em conexão com a pregação da verdade presente, fossem desaconselhadas e proibidas.⁵⁷

Nesse texto Ellen G. White parece desaconselhar as pregações em estilo teatral. Gestos e demais coisas que o pregador possa fazer como apenas uma representação de um sentimento e não como algo real, apenas uma representação, quando o exterior não condiz com os sentimentos do interior. E a citação finaliza com uma recomendação mais enfática de que “todas as representações teatrais, em conexão com a pregação da verdade presente, fossem desaconselhadas e proibidas”. Todas as representações que se enquadrem naquilo que o texto chama de pregação no estilo teatral, deve ser desaconselhado e proibido.

O contexto imediato esclarece a questão, para que não reste dúvidas quanto a que se refere a proibição e ao total desaconselhamento.

⁵³ DOUGLASS, 2003, p.374.

⁵⁴ DOUGLASS, 2003, p.375.

⁵⁵ DOUGLASS, 2003, p.376.

⁵⁶ DOUGLASS, 2003, p.377.

⁵⁷ WHITE, Ellen Gould Harmon. Evangelismo. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008b. p.137.

Os homens que pensavam ter um admirável trabalho a fazer procuraram adotar uma estranha atitude, e manifestavam esquisitices no movimento do corpo. Eis a instrução que me foi dada: ‘Não aproveis tal coisa.’ Estas atitudes, com sabor teatral, não devem ter lugar na proclamação das solenes mensagens que nos foram confiadas.⁵⁸

A prática dessas, assim chamadas, esquisitices corporais é que parece ser o que Ellen G. White está condenando.

Alguns pastores cometem o erro de pensar que o sucesso depende de arrastar uma grande congregação pelo aparato exterior, anunciando depois a mensagem da verdade em estilo teatral. Isso, porém, é empregar fogo comum, em lugar de fogo sagrado ateado por Deus. O Senhor não é glorificado por essa maneira de trabalhar.⁵⁹

Mais uma vez o destaque no cuidado para se evitar um estilo teatral na pregação, pelo pregador.

Ainda na ênfase das programações evangelísticas Ellen G. White disse:

“Nas reuniões realizadas, não devem depender de cantores do mundo nem de exibições teatrais para despertar o interesse”.⁶⁰ O texto claramente se refere a práticas utilizadas na época por alguns grupos com o intuito de atrair multidões através de cantores populares ou de exibições teatrais. Ela deixou claro que essa prática não deveria ser seguida pela IASD.

Em um conselho a um pastor evangelista da Igreja Adventista, Ellen G. White assim se expressou:

Ele deve cortar de suas reuniões tudo quanto tenha semelhança com exibições teatrais; pois tais aparências exteriores não dão nenhuma força à mensagem que ele anuncia. Quando o SENHOR puder cooperar com ele, sua obra não precisará ser feita de modo tão dispendioso. Ele não necessitará então fazer tantas despesas em anúncios de suas reuniões. Não porá tanta confiança no programa musical. Esta parte de seu serviço é realizada mais à maneira de um concerto teatral, do que um serviço de canto em uma reunião religiosa.⁶¹

Nesta citação ela parece estar deixando claro que a mensagem da verdade tem muito mais poder por si só e não precisa depender e nem necessitar de grandes gastos com anúncios e nem com programações musicais “à maneira de um concerto teatral”. Isso não quer dizer que não se deva gastar com anúncios e nem que não possa existir concertos teatrais, mas que a mensagem da verdade não seja dependente dessas coisas. Conclui dizendo que a música tem seu valor sem necessitar ser um concerto para uma reunião religiosa.

Em seus esforços para alcançar o povo, os mensageiros do Senhor não devem seguir as maneiras do mundo. Nas reuniões realizadas, não devem depender de cantores do mundo nem de exibições teatrais para despertar o interesse.⁶²

⁵⁸ WHITE, 2008b, p. 137-138.

⁵⁹ WHITE, 2008b, p. 136.

⁶⁰ WHITE, 2008b, p. 508.

⁶¹ WHITE, 2008b, p. 501.

⁶² WHITE, 2008b, p. 508-509.



A recomendação de Ellen White é para que não se tenha exposições teatrais do mundo na igreja para dessa forma atrair interessados pelo evangelho. Seria uma espécie de cavalo de Troia para a igreja esse tipo de ação.

Neste outro texto dela, é apresentada um paralelo com outras atividades praticadas pelos jovens e nesse grupo de atividades, ela cita também as representações teatrais.

Satanás deleita-se quando vê seres humanos empregando as faculdades físicas e mentais naquilo que não educa, não tem utilidade, não os ajuda a ser uma bênção aos que necessitam de seu auxílio. Enquanto a juventude se adentra em jogos destituídos de valor para eles e para os outros, Satanás joga a partida da vida por sua alma, tirando-lhes os talentos dados por Deus, e substituindo-os por seus próprios atributos maus. É seu empenho levar os homens a passarem por alto a Deus. Busca ocupar-lhes e absorver-lhes tão completamente o espírito, que o Senhor não encontre lugar em seus pensamentos. Não quer que o povo conheça a seu Criador, e fica bem satisfeito se pode pôr em funcionamento jogos e representações teatrais que por tal forma confundam o senso da juventude de que Deus e o Céu sejam esquecidos.⁶³

O texto demonstra a preocupação dela com a juventude e com a prática de coisas sem valor para os jovens assim como sem valor para as demais pessoas, práticas essas que serviam apenas para passar o tempo e que tivesse um potencial de fazer Deus e o Céu serem esquecidos pelos jovens.

Neste próximo texto, ela apresenta uma crítica clara ao teatro mundano e a influência perniciosa que promove aos jovens:

Entre os mais perigosos lugares de diversões, acha-se o teatro. Em vez de ser uma escola de moralidade e virtude, como muitas vezes se pretende, é um verdadeiro foco de imoralidade. Hábitos viciosos e propensões pecaminosas são fortalecidos e confirmados por esses entretenimentos. Canções baixas, gestos, expressões e atitudes licenciosas depravam a imaginação e rebaixam a moralidade. Todo jovem que costuma assistir a essas exposições se corromperá em seus princípios. Não há em nosso país influência mais poderosa para envenenar a imaginação, destruir as impressões religiosas e tirar o gosto pelos prazeres tranquilos e as realidades sóbrias da vida, do que as diversões teatrais. O amor a essas cenas aumenta a cada condescendência, assim como o desejo das bebidas intoxicantes se fortalece com seu uso. O único caminho seguro é abster-nos de ir ao teatro, ao circo e a qualquer outro lugar de diversão duvidosa.⁶⁴

Esse texto não se aplica a dramatizações que possam ser feitas na igreja, mas claramente aponta para o teatro mundano, muito comum na época dela e de moral duvidosa, e que o único caminho seguro é se abster desses ambientes de diversão duvidosa.

Vários entretenimentos são introduzidos para tornar interessantes as reuniões, e atrativas para os mundanos, e assim as atividades da chamada sociedade literária degeneram muitas vezes em desmoralizantes representações teatrais e tolices vulgares. Todas essas satisfazem a mente carnal, em inimizade contra Deus; não robustecem, porém, o intelecto, nem consolidam a moral.⁶⁵

⁶³ WHITE, 2000, p.274-275.

⁶⁴ WHITE, 2000, p.334-335.

⁶⁵ WHITE, 2000, p.542.



Nesse texto a condenação se refere a trazer para as reuniões religiosas e/ou reuniões literárias, entretenimentos mundanos para atrair e tornar interessantes as reuniões religiosas, mas essas atividades tem um potencial de apenas satisfazer a mente carnal.

Algumas recomendações de Ellen G. White para a Escola Sabatina:

Veríamos diferente estado de coisas se determinado número se consagrasse inteiramente a Deus, e então devotasse seus talentos à obra da Escola Sabatina, avançando sempre em conhecimento, educando-se para que pudessem instruir a outros quanto aos melhores métodos a serem empregados na obra; mas não devem os obreiros procurar métodos pelos quais ofereçam um espetáculo, consumindo tempo em representações teatrais e exibições de música, pois isto não beneficia a ninguém. Não é bom ensaiar crianças para que façam discursos em ocasiões especiais. Devem elas ser ganhas para Cristo, em lugar de despendar tempo, dinheiro e esforços para uma encenação, que todo esforço seja feito a fim de preparar os molhos para a colheita.⁶⁶

Escola Sabatina é uma reunião de estudo da Bíblia semelhante a Escola Dominical em outras denominações. A recomendação de Ellen White nesse contexto parece realmente desaconselhar a prática de dramatizações nesse contexto.

Nesse texto a ênfase é em não perder tempo e esforço em proporcionar um espetáculo que não beneficie a ninguém.

Ellen G. White demonstra neste próximo texto um cuidado que a igreja deve ter com os supostos divertimentos que ao adentrarem na igreja se revestem de uma suposta santidade.

Trajando vestes do Céu, a morte espreita no caminho dos jovens. O pecado é coberto de ouro pela santidade da igreja. Essas várias formas de divertimento nas igrejas modernas têm arruinado milhares que, não fosse isso, poderiam ter permanecido corretos e se tornado seguidores de Cristo. Caracteres têm sido arruinados por esses festivais da igreja e apresentações teatrais da moda, e mais alguns milhares serão destruídos; contudo o povo não se aperceberá do perigo, nem da temível influência exercida. Muitos moços e moças têm perdido sua alma devido a essas influências corruptoras.⁶⁷

As apresentações teatrais são colocadas neste texto sob um certo cuidado para que se evite uma influência corruptora sobre a juventude. E que não se pode cobrir com um manto de santidade toda e qualquer atividade só pelo fato dela ser desenvolvida na igreja. Isso não a tornará santa só porque foi feita na igreja.

O trabalho nas grandes cidades tem que ser feito segundo o método de Cristo, não segundo o sistema de uma representação teatral. Não é uma representação teatral que glorifica a Deus, mas a apresentação da verdade no amor de Cristo.⁶⁸

⁶⁶ WHITE, Ellen Gould Harmon. Conselhos sobre a escola sabatina. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996. p. 153-154.

⁶⁷ WHITE, Ellen Gould Harmon. Conselhos sobre mordomia. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001. p.202.

⁶⁸ WHITE, 2008b, p.206.

Textos assim sempre demonstram que a representação teatral deve ser evitada por não ser algo real, por ser apenas uma disposição exterior e não uma demonstração do que se passa no interior. O método de Cristo é oposto de uma representação teatral e elas não glorificam a Deus.

Neste próximo texto, mais algumas recomendações sobre como os pastores devem se comportar no momento da pregação.

Não devem os pastores pregar opiniões de homens, não devem contar anedotas nem encenar representações teatrais, nem exhibir-se; mas, como se estivessem na presença de Deus e do Senhor Jesus Cristo, têm de pregar a Palavra. Não introduzam na obra do ministério leviandades, mas preguem a Palavra de maneira que deixe em quem os escute, a mais solene impressão.⁶⁹

Dentre as recomendações está a de não encenar representações teatrais. Possivelmente essa recomendação se aplique aos movimentos estranhos e até engraçados que alguns pregadores acabam por encenar para ilustrar alguma coisa que aconteceu e até tornar a situação engraçada porque esta recomendação está junto com uma recomendação para não contar anedotas e nem encenar, indicando uma certa correlação entre ambas as recomendações.

Aparentemente algumas outras recomendações servem como um ponto de segurança para se evitar que a juventude venha a desejar frequentar determinados ambientes de espetáculos e de exhibições teatrais. Se a igreja passar a fornecer esse tipo de alimento, poderá estimular a procura por apresentações mais elaboradas e profissionais. Pode-se criar o gosto para assistir mais desse tipo de espetáculo.

A paixão dominante de Satanás é perverter o intelecto e levar os homens a desejar ardentemente frequentar espetáculos e exhibições teatrais. A experiência e o caráter de quantos se empenham nesta obra estará em conformidade com o alimento fornecido à mente. O Senhor deu prova de Seu amor ao mundo. Não houve falsidade, nem teatralidade no que fez. Fez uma oferta viva, capaz de sofrer humilhação, desconsideração, vergonha, acusação. Isto o fez Cristo para poder salvar os caídos.⁷⁰

O texto ainda faz uma importante demarcação de que Jesus não agiu como se estivesse participando de um teatro ou uma encenação aqui na terra, mas a sua experiência aqui foi real, sem falsidade, sem fingimento.

O próximo texto destaca como deve ser o “papel” do adventista na pregação do evangelho. Demonstrando que uma exibição especial, maravilhosa, teatral e extraordinária deve ser totalmente afastada da obra.

Não temos, em nossa obra, de subir ao cimo de um monte para fazer brilhar a nossa luz. Não nos é dito que precisamos fazer uma exibição especial, maravilhosa. A verdade deve ser proclamada nas estradas e nos atalhos, e assim a obra tem de ser feita por métodos judiciosos e racionais. A vida de todo obreiro, caso ele se encontre sob o ensino do Senhor Jesus Cristo, revelará a excelência de Sua vida. A obra feita por Cristo em nosso mundo, eis o que deve constituir nosso exemplo, no que

⁶⁹ WHITE, 2008b, p.207.

⁷⁰ WHITE, 2008b, p.266-267.



respeita à exibição. Temos que nos manter tão afastados do que seja teatral e extraordinário, como Cristo Se manteve em Sua obra.⁷¹

Mais um texto que apresenta um cuidado necessário com as representações teatrais como sendo um fator que possa facilitar a ação de Satanás em levar os jovens a destruição.

Satanás não deseja que o povo tenha conhecimento de Deus; e se ele puder pôr em operação jogos e representações teatrais que confundam os sentidos dos jovens de modo que os seres humanos pereçam nas trevas enquanto a luz brilha em torno deles, ele se rejubilará.⁷²

Neste texto ela apresenta o cuidado com movimentos teatrais e que esse tipo de coisa não ajuda a fortalecer as pessoas na Palavra de Deus. Com um destaque extra não para Cristo e sim para o instrumento humano.

Não haja singularidades nem excentricidades de movimento da parte daqueles que falam a Palavra da verdade, pois tais coisas enfraquecerão a impressão que deve ser produzida pela Palavra. Cumpre guardarmo-nos, pois Satanás está determinado, se possível, a entremear com os cultos sua má influência. Não haja exibição teatral, pois isto não ajuda a fortalecer na Palavra de Deus. Antes distrairá a atenção para o instrumento humano.⁷³

Um dos pontos destacado a exaustão por Ellen G. White é o trabalho superficial, teatral, com habilidade na plataforma, no púlpito, onde as pessoas podem ver e observar. Essa obra deve ser evitada, nas palavras de Ellen G. White:

Evitai o trabalho superficial e tudo que seja de natureza teatral. Aqueles que compreendem o caráter sagrado desta obra hão de manter alta a norma. Há, porém, uma classe, que não tem verdadeiro respeito pela causa da temperança; seu único interesse é mostrar sua habilidade na plataforma.⁷⁴

Temperança é um termo muito utilizado por ela e se refere ao uso com moderação daquilo que faz bem e total abstinência daquilo que faz mal. Nesse contexto ela explica que a pregação não deve ser teatral, com trejeitos, ou com desejo de se destacar na plataforma e não o de glorificar a Deus com uma vida temperante, equilibrada.

Muitos dos divertimentos populares no mundo hoje, mesmo entre aqueles que pretendem ser cristãos, propendem para os mesmos fins que os dos gentios, outrora. Poucos há na verdade entre eles que Satanás não torne responsáveis pela destruição de almas. Por meio da arte dramática, ele tem operado durante séculos para provocar a paixão e glorificar o vício. A ópera com sua fascinadora ostentação e música sedutora, o baile de máscaras, a dança, o jogo de cartas, Satanás emprega para derribar as barreiras dos princípios, e abrir a porta à satisfação sensual. Em todo o ajuntamento para

⁷¹ WHITE, 2008b, p.396.

⁷² WHITE, Ellen Gould Harmon. O lar adventista. 13. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 402.

⁷³ WHITE, Ellen Gould Harmon. Mensagens escolhidas. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988. V.2. p.23-24.

⁷⁴ WHITE, Ellen Gould Harmon. Temperança. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009a. p.240-241.

diversão onde é alimentado o orgulho e satisfeito o apetite, onde a pessoa é levada a esquecer-se de Deus e perder de vista os interesses eternos, ali está Satanás atando suas correntes em redor da alma.⁷⁵

A posição de Ellen White sobre apresentações teatrais no mundo é de total contrariedade, em especial com base ao que ela conheceu como teatro no tempo dela.

Os entretenimentos mundanos ou teatrais não são necessários à prosperidade do hospital ou à saúde dos pacientes. Quanto mais lhes for apresentado este tipo de diversões tanto menos eles se sentirão satisfeitos, a não ser que alguma coisa dessa espécie lhes seja oferecida continuamente. A mente está sempre na expectativa de alguma coisa nova e provocante, exatamente aquilo que ela não deve receber. E se esses entretenimentos são permitidos uma vez, são aguardados novamente, e os pacientes perdem o seu gosto por qualquer arranjo simples para ocupar o tempo. Mas repouso, mais do que agitação, é o de que necessitam os pacientes. Assim que essas diversões são introduzidas, as objeções para não ir a casas de espetáculos são removidas de muitas mentes, e a alegação de que cenas morais de alto padrão vão ser representadas no teatro faz ruir a última barreira.⁷⁶

O texto se refere a um contexto hospitalar para os pacientes, mas levanta algumas questões que podem auxiliar na compreensão do tema. Começa demonstrando que esses entretenimentos não são necessários para os pacientes. A expectativa por novidades também não ajudará na recuperação deles. Pode-se criar o gosto por elas e isso abrirá a porta para a frequência a elas depois de saírem do hospital. E o fato de serem apresentadas cenas que tenham um elevado padrão moral, neste texto, não é visto como algo positivo e sim como o ruir da última barreira que poderia impedir a prática dessas dramatizações.

Esses textos não são a totalidade deles sobre o assunto, existem outros, mas estes são os mais representativos e podem dar uma visão geral da forma como esse assunto é abordado por EGW.

4.3 POSIÇÃO DA IASD SOBRE ESSES TEXTOS

A posição da IASD sobre as dramatizações não é uma posição negativa em relação a elas, muito pelo contrário. Porém, eventualmente, alguns membros da IASD podem se sentir incomodados com as apresentações dramáticas.

Numa pesquisa ao acervo digital da Revista Adventista, periódico oficial da IASD no Brasil, utilizando a palavra-chave DRAMATIZAÇÕES no período de 1906 até 2021 apresenta como resultado de busca frases incentivando o uso das dramatizações na IASD.⁷⁷

Alguns exemplos de frases sempre num contexto positivo podem ser apresentados a seguir.

Na Revista Adventista de julho de 1972, na página 27: “...as crianças da Escola Primária, realmente brilharam com suas dramatizações, poesias, jograis e conjuntos vocais, alusivos ao ‘Dia das Mães’”, e na

⁷⁵ WHITE, Ellen Gould Harmon. Patriarcas e profetas. 16. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p.459-460.

⁷⁶ WHITE, Ellen Gould Harmon. Testemunhos para a igreja. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009b. v.4. p.577-578.

⁷⁷ Cf. ACERVO REVISTA ADVENTISTA. Dramatizações. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>, Acesso em: 14 mar. 2022.



página 28: “As crianças apresentaram um lindo programa com dramatizações organizadas e dirigidas pela Profa. Marlene Guimarães, que foi uma verdadeira mãe para a petizada.”

Na Revista Adventista de julho de 1977, na página 38: Como sugestões diversas atividades, foi dito que “Podem-se, às vezes, usar dramatizações.”

Na Revista Adventista de julho de 1983, na página 31: “Os programas, com jograis, acrósticos, experiências e dramatizações, já estão em seu Campo. Comemore com A Voz da Profecia estes 40 anos de vitórias evangelísticas.”

Na Revista Adventista de setembro de 1997, na página 19: “O Pastor Valdir Lucas Lima e alunos da Escola Adventista de Tatuí fizeram dramatizações, utilizando representações do dente, cárie e escova.”

Na Revista Adventista de setembro de 1995, na página 4, num artigo apresentando sugestões para melhorar a adoração na igreja aparece a seguinte sugestão: “Experimente uma dramatização sobre o texto do sermão. Represente uma das parábolas de Jesus, retratando-a em uma situação moderna. Envolver alguns dos membros mais novos da Igreja.”

Mas algumas manifestações contrárias às dramatizações também tiveram espaço e podem ser vistas na Revista Adventista. Isso demonstra que esta questão representa o entendimento de uma parcela dos adventistas no Brasil que não concordam com tal prática na igreja.

Na Revista Adventista de janeiro de 1996, na página 3, na seção Cartas, apresenta uma carta de Paulo Sérgio Kanasiro em que ele se expressa assim: “Lendo, no entanto, a parte destinada a melhorar a adoração em nossa igreja, verifiquei um erro que normalmente ocorre em nossas igrejas: o incentivo ao uso de dramatizações. Sobre esse assunto temos orientações claras da irmã White,(...)” Depois ele cita vários textos de Ellen G. White que retratam as dramatizações com uma carga negativa. Alguns desses textos já citados neste trabalho no tópico anterior.

A resposta da igreja na Revista Adventista conduzida pelos editores foi a de que se deve evitar extremos. E que, fazer dramatizações de parábolas, por exemplo, podem trazer muitas contribuições e lições espirituais e que deve-se cuidar para que não haja exaltação do instrumento humano, mas a Deus seja toda glória.

Provavelmente em razão dessa carta publicada na Revista Adventista em janeiro de 1996, em setembro do mesmo ano apareceu um artigo abordando o uso de dramatizações na igreja.

O teólogo adventista, Alberto R. Timm, na época era diretor do importante e respeitado, para os adventistas, Centro de pesquisas Ellen G. White do Brasil e professor de teologia do Instituto Adventista de Ensino em São Paulo (Hoje UNASP), publicou um artigo na Revista Adventista para esclarecer essa questão.

No artigo, Timm destaca a importância do uso das formas de comunicação visual, que segundo sua pesquisa significa 83% do que aprendemos, contrastando com 11% através da audição e 6% distribuído

entre tato, olfato e paladar. Como a IASD se percebe como tendo uma mensagem especial que deve ser proclamada ao mundo, a questão da limitação do recurso visual poderia ficar comprometida, segundo Timm. No artigo ele se propõe a estabelecer parâmetros seguros quanto ao uso das dramatizações sem incorrer em contradição com os textos bíblicos e de Ellen G. White sobre o assunto.

Timm apresenta no artigo o uso de rituais simbólicos no Antigo Testamento como altares, tabernáculo mosaico, animais usados no sacrifício representavam a Cristo, circuncisão, serpente de bronze, até o próprio Oséias “dramatizou a apostasia espiritual de Israel, casando-se com uma prostituta.” No Novo Testamento, o “batismo é uma dramatização simbólica, instituída por Cristo para marcar o início de uma vida consagrada a Deus.” A Santa Ceia também é uma dramatização litúrgica.

Depois, Timm passa para os escritos de Ellen White sobre as dramatizações. Ele percebe que Ellen White apoia as dramatizações litúrgicas do Antigo Testamento, ela enaltece as dramatizações litúrgicas do Novo Testamento, engrandece o ritual sacerdotal de Cristo no santuário celestial, “não criticou a dramatização a que assistiu na Escola sabatina de Battle Creek, em 1888”, também “não condenou a encenação do Natal de 1888” apesar de não ter gostado de tudo que foi apresentado, mas destacou as coisas boas e desaprovou pontos que não gostou.

Um ponto destacado por Timm e apresentado nos escritos de Ellen White é a desaprovação de qualquer tipo de exibicionismo teatral. As características negativas desse exibicionismo teatral: “(1) afastam de Deus; (2) levam a perder de vista os interesses eternos; (3) alimentam o orgulho; (4) excitam a paixão; (5) glorificam o vício; (6) estimulam o sensualismo; e (7) depravam a imaginação.” A partir desse ponto Timm conclui que dramatizações são aceitáveis se aproximam de Deus; se chamam a atenção para as realidades eternas; não alimentam o orgulho; não excitam as paixões; desaprovam o vício; não estimulam o sensualismo e elevam a imaginação. As dramatizações que apresentarem essas características estão dentro da linha apresentada por Ellen G. White, segundo a compreensão de Alberto Timm.

Por fim, Timm declara que a IASD tem feito muito uso das dramatizações em programas de TV ao redor do mundo, também nos internatos é uma prática muito comum, bem como nos departamentos infantis da Escola Sabatina da IASD. E que essas dramatizações tem elevado espiritualmente as pessoas envolvidas nas apresentações bem como aos que as assistem. E que tudo deve ser feito para glorificar a Deus.

Alguns meses depois do artigo de Alberto Timm na Revista Adventista, apareceu um comentário sobre o artigo na seção de Cartas da revista de fevereiro de 1997. A carta de João Vicente Miranda, elogiava o artigo escrito por Timm, mas citou alguns grupos da igreja que utilizam do recurso de dramatização e que estão fora das recomendações expostas pelo mesmo artigo.

Alguns anos depois, em 2004, na Seção Você pergunta, apareceu o assunto novamente, com o título Teatro e encenações. Erton Köhler, atualmente presidente mundial da Associação Geral da IASD⁷⁸, respondeu a dúvida apresentando alguns parâmetros do tipo de dramatizações que Deus condena. Entre os motivos apresentados por Köhler, apresentados na Revista Adventista de 2004, na página 19⁷⁹, que caracterizam o tipo de dramatização que não se deve praticar na igreja ou colégios, apresentam os seguintes pontos: gastos desnecessários e extravagância; exibição e exaltação humana; atitudes que profanam a santidade da mensagem; promove falsidades; mistura o sagrado com o secular; forma imprópria de atrair pessoas; tempo gasto naquilo que não edifica; atividades sem benefício ou conteúdo; desenvolver o gosto pelo teatro; ser uma diversão. “Quando uma representação ou encenação entra em choque com algum desses conselhos, está fora dos planos de Deus.”⁸⁰

A Enciclopédia Ellen G. White, no tema Teatro e drama, apresenta a forma como Ellen G. White se referia aos termos drama e teatro. Ela fazia uso dos termos de modo simples ao se referir ao palco do mundo, teatro da vida e coisas assim. Porém também usava o termo teatro como forma de diversão. Ela apresentava grandes preocupações com a frequência ao teatro por parte dos membros da IASD. Destacava como negativo o ambiente, o conteúdo indecente e o caráter ilusório da experiência. Associava o teatro a jogos de azar, bebidas alcoólicas, danças, etc.

Suas exposições iniciais se dirigem especialmente à situação do oeste dos Estados Unidos, onde, durante a década de 1850, na corrida do ouro na Califórnia, os salões de teatro se desenvolviam ao lado de bares, salas de jogos e bordéis. Muitas vezes, os três estabelecimentos eram abrigados sob o mesmo teto, sendo o frequentador submetido às atividades periféricas em torno do teatro.⁸¹

A oposição ao teatro por parte de Ellen White não se restringia apenas à questão do ambiente ou do gênero, mas a questão moral das apresentações. E todas as críticas que ela fez ao teatro ainda são válidas hoje em dia para as representações que apresentem as características criticadas por ela. Porém não condena a todas as dramatizações de forma indiscriminada.

Outra preocupação de Ellen G. White era as relacionadas ao contexto religioso, quando pregadores representavam certas atitudes com o objetivo de causar certo efeito sobre o público⁸². Algumas dessas citações de Ellen White podem ser confundidas como se ela estivesse condenando as dramatizações das histórias bíblicas, enquanto, o sentido é condenar pregadores que gesticulavam, gritavam, pulavam, fazem

⁷⁸ ADVENTIST NEWS NETWORK. Erton C. Köhler é eleito presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia em âmbito mundial. Notícias Adventistas, 4 jul. 2025. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/erton-c-kohler-e-eleito-presidente-da-igreja-adventista-do-setimo-dia-em-ambito-mundial/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

⁷⁹ Cf. ACERVO REVISTA ADVENTISTA. Dramatizações. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>, Acesso em: 14 mar. 2022.

⁸⁰ Cf. ACERVO REVISTA ADVENTISTA. Dramatizações. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>, Acesso em: 14 mar. 2022.

⁸¹ FORTIN, Denis; MOON, Jerry. (Ed.) Enciclopédia Ellen G. White. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018. p. 1318.

⁸² FORTIN; MOON, 2018. p. 1319.

gestos cômicos, para produzir um efeito sobre a plateia. Um efeito resultante de uma manipulação já pensada e teatralizada pelo pregador.

Ellen White criticou a habilidade de palco e tudo que fosse de natureza teatral. problema abordado por ela não é contra dramatizações de histórias bíblicas, mas o pregador agir como se estivesse fazendo uma performance com o objetivo de se promover e de ser elogiado por isso.⁸³

O material de 1963 é que expressa de forma oficial o posicionamento da IASD sobre a questão das dramatizações é o “Representações dramáticas em instituições adventistas”, produzido por Arthur L. White, neto de Ellen G. White e que era secretário do órgão responsável por preservar os escritos originais de Ellen White, preparar compilações de seus escritos, responder dúvidas e disponibilizar os escritos para os pesquisadores da IASD e outros interessados, o Ellen G. White Estate, situado em Washington, D.C.

Uma versão desse documento, traduzida para o português é disponibilizada pelo Centro de Pesquisas Ellen G. White, no UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo.⁸⁴

Nesse documento Arthur White responde a uma inquietação antiga e ainda atual para os adventistas do sétimo dia. Qual a orientação para apresentações de programas teatrais nas Instituições Adventistas?

“Em outras palavras, Ellen White não condena um programa só pelo fato de ser dramatizado.”⁸⁵ É necessário analisar uma série de princípios que norteiam essa questão para determinar a sua posição. Não se trata de um apenas pode ou não pode, mas de princípios fundamentais que devem ser analisados nessas questões.

Arthur White começa destacando o valor do uso dos recursos visuais, mas reconhece que frequentemente aquilo que pode e deve ser usado para o bem pode ser empregado erroneamente. Ele cita três textos de Ellen White para ilustrar e se fazer claro quanto a questão dos cuidados nessa questão.

A primeira declaração de Ellen White citado dá um destaque negativo para o drama como a primeira das diversões condenadas por Deus. E apresenta a arte dramática como uma ferramenta satânica utilizada por muito tempo e com bons resultados.

⁸³ WHITE, Ellen Gould Harmon. Testemunhos para a igreja. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009c. v.5. p.127.

⁸⁴ Cf. CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE. Representações dramáticas em instituições adventistas. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/pesquisa/artigos/representacoes-dramaticas-em-instituicoes-adventistas/>>. Acesso em 21 jul. 2022.

⁸⁵ Cf. CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE. Representações dramáticas em instituições adventistas. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/pesquisa/artigos/representacoes-dramaticas-em-instituicoes-adventistas/>>. Acesso em 21 jul. 2022.

Muitos dos divertimentos populares no mundo hoje, mesmo entre aqueles que pretendem ser cristãos, propendem para os mesmos fins que os dos gentios, outrora. Poucos há na verdade entre eles que Satanás não torne responsáveis pela destruição de almas. Por meio da arte dramática, ele tem operado durante séculos para provocar a paixão e glorificar o vício. A ópera com sua fascinadora ostentação e música sedutora, o baile de máscaras, a dança, o jogo de cartas, Satanás emprega para derribar as barreiras dos princípios, e abrir a porta à satisfação sensual. Em todo o ajuntamento para diversão onde é alimentado o orgulho e satisfeito o apetite, onde a pessoa é levada a esquecer-se de Deus e perder de vista os interesses eternos, ali está Satanás atando suas correntes em redor da alma.⁸⁶

Arthur White explica que conforme o número de adventistas foi crescendo em Battle Creek o problema das apresentações de dramas começou a aparecer. O sanatório, pelo fato de ter grande número de não-adventistas, devido o exemplo de outras instituições seculares terem apresentações teatrais para entreter os pacientes, começou-se a cogitar ter apresentações teatrais também no sanatório adventista. Porém Ellen White deixou mensagens claras aos administradores para que não utilizassem tais recursos pois não seriam bênção nem para o sanatório e nem para os pacientes que precisavam mesmo era de repouso e não de agitação.⁸⁷

Arthur White também apresenta as sociedades literárias e a ligação delas com a apresentação de dramas e muitas vezes resultando em “desmoralizantes representações teatrais e tolíces vulgares.”⁸⁸

Arthur White conta que em 1888 Ellen White havia assistido a um programa de Natal que havia uma dramatização, na igreja de adventista em Battle Creek. A netinha de Ellen White, Ella M. White, havia participado da dramatização, vestida de anjo. Sobre essa programação, Ellen White elogiou a apresentação das crianças e a leitura feita. Mas ela também fez observações quanto a falta de qualidade das músicas apresentadas e que ficaria muito melhor se outros hinos tivessem sido cantados.

Arthur White caminha para o final do documento apresentando um texto de Ellen White em que ela faz a ponderação de importância maior no uso dos talentos e na escolha dos melhores métodos na pregação na Escola Sabatina e cuidar com a formalidade, orgulho e ostentação. “Devem elas ser ganhas para Cristo, e em lugar de despendar tempo, dinheiro e esforço numa encenação, que todo esforço seja feito a fim de preparar os molhos para a colheita.”⁸⁹ O texto não proíbe dramatizações, mas pede cuidado para não desenvolver a exaltação própria e nem gastos exagerados de tempo e de dinheiro.

Outro texto de Ellen White caminha na direção das atividades físicas, incluindo representações teatrais, que possam confundir os sentidos dos jovens, mostrando que todo cuidado é necessário e que, assim como não se pode condenar toda dramatização, também não se pode aceitar todas.

⁸⁶ WHITE, 2015, p. 459-460.

⁸⁷ WHITE, 2009b, p. 578.

⁸⁸ WHITE, 2000, p.542.

⁸⁹ WHITE, Ellen Gould Harmon. Fundamentos da educação cristã. 2. ed. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996b. p. 253.



A obra de Satanás é levar os homens a ignorarem Deus, para assim ocupar a mente e mantê-la absorta, de modo que Deus não esteja em seus pensamentos. A educação que eles têm recebido tem sido de caráter tal que confunde a mente e obscurece a verdadeira luz. Satanás não deseja que o povo tenha conhecimento de Deus; e se ele puder pôr em operação jogos e representações teatrais que confundam os sentidos dos jovens de modo que os seres humanos pereçam nas trevas enquanto a luz brilha em torno deles, ele se rejubilará.⁹⁰

“Se o simples fato de haver representação no programa fosse pecaminoso, isso teria certamente ficado claro. O conselho, entretanto, relacionou-se com o conteúdo, efeito sobre atores, etc.”⁹¹ Sendo assim pode-se concluir com base nessa experiência pela qual Ellen White passou em assistir e em relação as suas observações que ela não condenou as dramatizações, mas recomendou melhorias para que elas realmente representassem de forma positiva o evangelho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Adventista é sustentada por uma filosofia própria que integra fé, ensino e missão redentora. Cada prática pedagógica ou metodológica deve, portanto, refletir os princípios espirituais e educacionais alinhados ao propósito maior de preparar cidadãos para esta vida e para a eternidade.

Em relação às dramatizações, observa-se que os escritos de Ellen G. White não oferecem uma proibição absoluta. Suas críticas são dirigidas a práticas teatrais mundanas, que promovem vaidade, sensualismo, superficialidade espiritual ou exaltação pessoal. Por outro lado, quando contextualizados, seus textos mostram abertura para representações simbólicas que aproximem os alunos de Deus, promovam valores espirituais e fortaleçam o caráter cristão.

A prática atual na Rede Adventista, que incorpora dramatizações pedagógicas e religiosas, não configura uma transgressão direta aos princípios adventistas, desde que realizada com moderação, intencionalidade educativa e respeito aos valores da fé. É fundamental, ao ver da organização adventista, que professores e líderes educacionais mantenham vigilância quanto aos conteúdos, formas de apresentação e objetivos de cada dramatização, evitando que elas se tornem meramente espetáculos ou um fim em si mesmas.

Portanto, a Igreja Adventista entende que as dramatizações podem ser um instrumento legítimo e eficaz no contexto educacional adventista, quando utilizada com discernimento e sob a luz dos princípios bíblicos e educacionais que orientam a filosofia da Igreja. O desafio parece estar em equilibrar a criatividade pedagógica com a fidelidade à missão educacional e espiritual que caracteriza a Educação Adventista.

⁹⁰ WHITE, 2003, p.401-402.

⁹¹ WHITE, online, p.7.



REFERÊNCIAS

ADVENTIST NEWS NETWORK. Erton C. Köhler é eleito presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia em âmbito mundial. Notícias Adventistas, 4 jul. 2025. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/erton-c-kohler-e-eleito-presidente-da-igreja-adventista-do-setimo-dia-em-ambito-mundial/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE. Representações dramáticas em instituições adventistas. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/pesquisa/artigos/representacoes-dramaticas-em-instituicoes-adventistas/>. Acesso em 21 jul. 2022.

DICK, Everett. Fundadores da mensagem. 4. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

DOUGLASS, Herbert E. Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

FORTIN, Denis; MOON, Jerry. (Ed.) Enciclopédia Ellen G. White. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

GROSS, Renato; GROSS, Janine Schoenberg. Filosofia da educação cristã: uma abordagem adventista. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

KNIGHT, George R. Educando para a eternidade: uma filosofia adventista de educação. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

KNIGHT, George R. Mitos na educação adventista: um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen G. White. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2010.

MAXWELL, C. Mervyn. História do adventismo. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MENSLIN, Douglas. Educação adventista 120 anos: de escolas paroquiais a uma rede de ensino permanências e rupturas de um ideário educacional. Curitiba: DVK, 2015.

RITTER, Orlando Mário. Filosofia da educação adventista: uma proposta de redenção. IN: SUÁREZ, Adolfo S. (Org.). Manual do educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2015.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, E. Floyd. Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009.

TIMM, Alberto R.; ESMOND, Dwain N. (Org.). Quando Deus fala: o dom de profecia na Bíblia e na história. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Conselhos aos professores, pais e estudantes. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Conselhos sobre a escola sabatina. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996a.



WHITE, Ellen Gould Harmon. Conselhos sobre mordomia. 5. ed. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

WHITE, Ellen Gould Harmon. E recebereis poder: a pessoa, presença e obra do Espírito Santo. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Educação. 9. ed. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008a.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Evangelismo. 3. ed. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008b.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Fundamentos da educação cristã. 2. ed. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996b.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Mensagens escolhidas. 3. ed. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988. V.2.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Patriarcas e profetas. 16. ed. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Temperança. 3. ed. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009a.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Testemunhos para a igreja. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009b. v.4.

WHITE, Ellen Gould Harmon. Testemunhos para a igreja. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009c. v.5.

WHITE, Ellen Gould Harmon. O lar adventista. 13. ed. Tatuí,SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.